



O senhor Tadeu tinha, lá na horta, uma cerejeira de que gostava muito. Quando chegava o tempo das cerejas, era uma fartura, uma doçura que não havia igual.

Pois é, mas os pardais também diziam o mesmo. Tinham uma predilecção por aquela cerejeira nem que as cerejas fossem de mel. Eram quase.

O senhor Tadeu enxotava-os, pendurava fitas nos ramos para assustá-los e chegou a armar um espantalho de vassoura na mão, que prendeu no alto da cerejeira. Fazia vista, mas não metia medo.

Mal chegava o tempo das cerejas amadurem, a pardalada vinha em excursão festiva para o meio da cerejeira. Depenicavam com tal arte que chegavam a deixar só o caroço das cerejas, preso ao pezinho suspenso da árvore. Um desespero para o senhor Tadeu.

Há dias, encontrei-o, na loja de artigos de Natal, a carregar um enorme embrulho.

– Ena! – exclamei eu. – O seu pinheiro vai ficar bem enfeitado.

– Não é para o pinheiro – emendou o senhor Tadeu. – É para a cerejeira.

Então, explicou-me o seu plano. Quando, da Primavera para o Verão, os frutos da cerejeira comesçassem a engordar, ele ia enfeitar a árvore com sininhos e bolas de Natal.

– Para os pardais julgarem que é um pinheiro – concluí eu, pouco convencido da eficácia do projecto. – Eles são mais espertos do que isso.

Seriam, de facto, reconheceu o senhor Tadeu, mas também são uns passarinhos alarmados. Detestam ruídos imprevistos. Ouvindo os sininhos, agitados pelo vento, fogem. E as bolas de Natal, brilhando ao sol, também lhes hão-de meter respeito.

O senhor Tadeu lá se foi, muito contente com o seu plano. Resulte ou não resulte, a cerejeira há-de gostar.

FIM